

A contemporaneidade do romance histórico *Mad Maria*, de Márcio Souza: breve abordagem hegeliana em diálogo com a etnicidade de resultado

The Contemporaneity of The Historical Novel Mad Maria, By Márcio Souza: A Brief Hegelian Approach in Dialog with The Ethnicity of The Result

José Dalvo Santiago da Cruz¹

Resumo: Este artigo aborda a contemporaneidade do romance histórico *Mad Maria*, de Márcio Souza, nos dias atuais do século XXI utilizando-se da dialética hegeliana em diálogo com a teoria da etnicidade de resultado por considerá-las funcionais para responder a hipótese de que os conflitos étnicos protagonizados entre a ancestralidade indígena e a ocidentalidade neoliberal sejam fomentados por uma incompatibilidade ontológica entre essas duas maneiras de ser. Justifica-se esta iniciativa pela tônica da crítica de Márcio Souza no referido livro publicado em 1980 no desabrochar de uma época de mudanças políticas neste país que, após quatro décadas, se testemunham cenas e personagens diferentes num roteiro afim àquele do *Mad Maria* de 1911 trazido neste artigo demonstrando a função do romance histórico de transpor a historiografia para a criação literária como recurso da própria necessidade humana de imaginar, criar e moldar realidades possíveis numa existência axiomática composta de memória e perspectiva numa dinâmica análoga ao desfiar um novelo num gerúndio contínuo no qual se constatam a permanência do mesmo em épocas e cenários distintos, embora na mesma imanência. Conclui-se que Márcio Souza contribui com o debate acerca da temática ambientalista na ética humana como um todo no sentido da existência em si em que a diversidade compõe a holística em gerúndio permanente manifestada em fricções interétnicas.

Palavras-Chaves: Ontologia; Modernização da Amazônia; Literatura Regional.

Abstract: This article addresses the contemporaneity of the historical novel *Mad Maria*, by Márcio Souza, in the present day of the 21st century using Hegelian dialectics in dialogue with the theory of ethnicity as a result, considering them functional to respond to the hypothesis that the ethnic conflicts between indigenous ancestry and neoliberal Westernity are fomented by an ontological incompatibility between these two ways of being. This initiative is justified by the tone of Márcio Souza's criticism in the aforementioned book, published in 1980 at the beginning of an era of political change in this country. After four decades, different scenes and characters are being witnessed in a script similar to that of *Mad Maria* from 1911, as presented in this article. This demonstrates the function of the historical novel to transpose historiography into literary creation as a resource for the human need to imagine, create and shape possible realities in an axiomatic existence composed of memory and perspective in a dynamic analogous to unraveling a ball of yarn in a continuous gerund in which the permanence of the same yarn is noted in different times and scenarios, although in the same immanence. It is concluded that Márcio Souza contributes to the debate on the environmentalist theme in human ethics as a whole in the sense of existence itself in which diversity composes the holistic in a permanent gerund manifested in interethnic frictions.

Keywords: Ontology; Modernization of the Amazon; Regional Literature.

¹ Graduado em filosofia, pós-graduado em antropologia na Amazônia, mestre em educação e doutor em linguística. Docente da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) E-mail: dalvosantiago@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1222-9836>

Introdução

Por dialética hegeliana entende-se o contínuo fomentado no ideal à procura do absoluto em ambiente de alteridade onde os sujeitos produzem suas respectivas consciências-de-si. Indígenas e ocidentais modernos se constroem na perspectiva humanista adensada no século XIV como propedêutica da modernidade que resulta no contato com o habitante do Novo continente. Por etnicidade de resultado adota-se a teoria antropológica social composta de diferentes categorias convergentes na tomada de consciências-de-si do sujeito indígena em alteridade com o outro que lhe é ontologicamente diferente e, por conseguinte, se constroem historicamente em paradoxos, pois ao entrar na vida da população nativa do continente americano, o europeu interviu e impactou a vida nessa querência, mas também sofreu modificações em suas estruturas ontológicas que culminaram com o fortalecimento do eurocentrismo ao se deparar com o outro que até então não compunha o rol da espécie humana sendo necessário que o papa Paulo III publicasse a Bula Deus Sublime em 1537 afirmando que os nativos do Novo continente deveriam ser tratados como humanos, pois possuíam alma, num claro interesse da igreja romana por compensar a perda de fieis para a Reforma Luterana à época, confirmando a premissa de Marcel Pêcheux de que “Todo enunciado é motivado por uma ideologia, por um interesse”.

O propósito deste artigo é de considerar a diferença ontológica entre ocidente moderno e ancestralidade indígena como uma das possíveis causas da convivência conflituosa entre elas desde seus primeiros contatos no século XVI até os dias atuais configuradas em cenas, circunstâncias e com sujeitos distintos em nomenclaturas diversas, porém, num mesmo roteiro análogo à dialética moderna encantada num mesmo ideal, ecoando o que Márcio Souza (1985, p. 6) diz no primeiro parágrafo do *Mad Maria*, romance histórico de sua autoria, espaço social multiétnico: “(...) E aquilo que o leitor julgar familiar, não estará enganado, o capitalismo não tem vergonha de se repetir”.

No que tange ao gênero do romance histórico, criticado e elogiado em diferentes perspectivas teóricas, aqui se justifica a sua presença como espaço literário de análise deste artigo porque “Todo romance, como produto de um ato de escrita é sempre histórico, por quanto revelador de, pelo menos, um tempo a que poderíamos chamar de tempo da escrita ou da produção do texto” (Baumgarten, 2000, p. 2).

Além da argumentação teórica evocada acima, enfatiza-se que a construção romanceada de evento histórico não é menos rigorosa do que a hermenêutica historiográfica, pois elas apenas adotam rigores e instrumentos de criação distintos, uma vez que até o momento presente as diferentes perspectivas epistemológicas ainda não conseguiram se infiltrar satisfatoriamente no objeto externo (e/ou interno) à própria consciência do sujeito pretensamente consciente de si, tamanha é a dinâmica da realidade natural e tal é a dialética histórica em que o sujeito de hominiza na dualidade natureza x cultural.

A metodologia utilizada é a qualificativa e se restringe à abordagem teórica construída na interlocução do contínuo da dialética hegeliana com a etnologia de resultado porque esta expressa na tópica social histórica daquela que fomenta ontologicamente os sujeitos em campo de alteridade: indígenas e ocidentais numa Amazônia construída à maneira moderna de retomar o ancestral Greco-romano sempre em perspectiva se diferenciando do outro para justificar a sua exploração na relação entre colonizador e colonizado, análoga à alegoria hegeliana “O senhor e o Servo” (Hegel, 1993).

Além desta introdução, o artigo constitui-se de três seções, a saber: (i) Sobre o livro *Mad Maria*; (ii) A substância teórica do romance *Mad Maria* e (iii) A contemporaneidade do *Mad Maria* no século XXI, seguidas das considerações finais e das referências bibliográficas, valendo dizer em tom de preâmbulo à conclusão que esta iniciativa não é inédita nem na cunhagem deste autor nem na literatura pluridisciplinar nas ciências sociais e na filosofia em decorrência da diversidade temática que o livro *Mad Maria* comporta, desde a crítica e a teoria literária até as ciências sociais (antropologia, social (etnologia indígena) e sociologia), além da filosofia como base do reverberar no ambiente literário de Márcio Souza, especificamente no caso desta breve abordagem na ontologia moderna que se aflora em ritmo estranho à querência tropical denominada pelo ocidental moderno de Amazônia, predicativo derivado da mitologia grega clássica ironicamente num encontro ontológico descortinador da holística ontológica além da ocidentalidade sem fronteira histórica onde as diferenças fisiológicas e morfológicas se infiltram na funcionalidade dos seres inter-relacionados.

Historicamente, *Mad Maria* é uma sorte de ventilação no Brasil a onda política africana da descolonização daquele continente com afinidades a uma espécie de outra política adotada no Brasil a partir de 1985 com a retomada de um pretendido estado democrático de direito e suas reverberações institucionais e socialmente políticas nas relações de reconhecimento à diferença étnico-cultural de minorias sociais, política adotada em outros países como Suíça

(1957), Canadá (1977) e Brasil (1988), posteriormente a Bolívia e Peru também adotaram a política do reconhecimento da sua população multiétnica e cultural.

1 Sobre o livro *Mad Maria*

A fortuna crítica categoriza o romance histórico *Mad Maria*, de Márcio Souza, como “romance amazônico que se renova no ritmo do ‘desenvolvimento’ selvagem dessa região” (BOSI, 1995, p. 404). Ou seja, com o *Mad Maria*, assim como com o “Galvez, imperador do Acre” (1976), Márcio Souza insere a Amazônia na tônica da pauta da década de 1980, quando no Brasil aconteceram mudanças políticas institucionais em concomitância com a conjuntura internacional movida por pautas progressistas, das quais, uma delas constava a questão ambiental e a dos povos originários na batuta do estatuto dos direitos humanos advindo do pós-segunda guerra mundial (1948).

Contextualizar o romance histórico de Márcio Souza na década de 1980 é importante – e necessário – porque, como já dito por meio da citação de Baumgarten (2000, p. 2), a escrita é uma marca que registra o perfil não somente de uma época enquanto data, mas da mentalidade construída, moldada e constituída de movimentos ideológicos e políticos que fomentam o debate entorno da questão indígena em outra perspectiva fundamentada pelo relativismo cultural em contraponto ao positivismo evolucionista social adotado ao longo do período de 1964 a 1985 como orientação teórica e ideológica hegemônica no Brasil, constituído socialmente no plural, na diversidade étnica e cultural, porém, erguido à maneira ocidental moderna em seu projeto de humanidade excludente do nativo adensado na constituição do Estado moderno em suas relações com o outro étnica e culturalmente minoritário, distinto de seu viés ideal.

Do acervo historiográfico emergem os personagens que compõem o roteiro do *Mad Maria* replicando a hierarquia social estratificada e de classe ocidental moderna no interior da selva amazônica no início da segunda década do século XX, época de acirramento da modernidade nos trópicos por razões econômicas para descobrir e extrair da querência tropical matéria prima para a indústria contemporânea incipientemente erguida em países do hemisfério Norte, interrompendo, sobremaneira, o equilíbrio ontológico próprio do lugar tropical em sua funcionalidade nativa.

Os chineses desmatavam, os alemães cuidavam da terraplanagem, os barbadianos na colocação dos trilhos, os espanhóis eram do sistema repressivo em Cuba e exerciam a função da guarda. Todos esses homens tinham jornada diária de 11 horas de trabalho com uma hora de descanso (Souza, 1985, p.18).

Nesse *entourage*, o indígena, nativo da querência, foi alocado a uma elipse social movida pela xenofobia ocidental que, impulsionado pelo medo da violência aplicada pelo estranho à sua querência contra seus parentes nativos, adotou como recurso de sobrevivência o mimetismo na floresta circunvizinha ao canteiro de obras lhe impondo o predicativo de testemunha da irracionalidade daqueles aventureiros de práticas estranhas edificando, assim, as fricções interétnicas (Cardoso de Oliveira, 1996) que reverberam no social contemporâneo advinda de épocas de outrora registradas pelo romancista amazonense em cenas em que as palavras tecidas produzem imagens e sons num eco latejante da memória do lugar interrompida pela lembrança aos fatos pretéritos, mas contemporâneos nessa mesma memória.

Como as formigas que subiam e desciam pelos galhos da árvore, ele estava ali mas se sentia invisível. Os civilizados nem pareciam se aperceber de sua presença. Ele estava confuso, sozinho, faminto; o pior era esta fome que não parecia querer passar. Dormia pouco e não se afastava dos civilizados, estava sempre por perto, não compreendia nada daquele trabalho que estavam fazendo com tanto desespero. É que, embora estivesse sempre por perto, não fazia parte daquele mundo que agora estava invadindo as terras que pertenceram ao seu povo nos tempos dos antigos costumes e que os velhos falavam com emoção (Souza, 1985, p. 11).

Desde a sua propedêutica com os pré-socráticos no século VI a. C., o ocidente se constrói em contraponto à natureza, numa alteridade paradoxal. Nesse ínterim, Lévi-Strauss teoriza no primeiro capítulo da sua tese de doutorado (1948) Estruturas elementares de Parentesco (1982, p 41) Natureza e Cultura a dualidade entre ser hominizado (humano) e a natureza holística dizendo que “A natureza é universal e a cultural é particularizada pelos grupos que com ela convivem e nela vivem”. Ou seja, as mitologias e as produções linguísticas são construídas nas relações de pares mínimos para edificarem significados ao significante natural: macho/fêmea, fonemas em traços mínimos na comutação, etc.

A hominização é a criação de significados na querência (natural). O ocidente moderno se avoluma nos trópicos das Américas à procura de significados para a sua própria existência. Ele, o ocidental, diz que os indígenas são pré-lógicos por acreditarem em mitos, porém, o

padre reza missa todos os dias repetindo palavras atribuídas a um Messias não material, premissa axiomática à imanência da ontologia ocidental germinada nos fragmentos dos pré-socráticos à procura da *arché*, princípio fundamental da existência, bóson de *Higgs* da Física quântica do século XXI. Não é à toa que Lévi-Strauss senta no trono da revolução da epistemologia social fervilhada na filosofia ontológica em diálogo com a linguística estrutural de Roman Jakobson construída em sua convivência em tempo de asilo nos anos 1940 em Nova Iorque, nos Estados Unidos da América.

2 A substância teórica do romance *Mad Maria*

O romance *Mad Maria* foi publicado em 1980, período de mudanças políticas institucionais no Brasil que promoveram significativas melhorias em setores sociais e institucionais e, especificamente no caso acadêmico, ampliou cursos de pós-graduação *stricto sensu* oportunizando acesso a teorias até então restritas a um público minoritário como, por exemplo, a teoria do relativismo cultural cunhada nos anos 1920 por Franz Boas nos Estados Unidos que embasou teoricamente a construção do artigo 231 da constituição federal de 1988 que trata dos indígenas no qual o Estado reconhece o direito dos povos originários à diferença étnico-cultural.

Na brisa de mudanças políticas e no adensamento de pautas progressistas não somente no Brasil, mas na conjuntura internacional acerca das incipientes manifestações do desequilíbrio climático, Márcio Souza insere a Amazônia e os indígenas à discussão política ambientalista da pauta progressista dialética que se delineou a partir dos anos 1980 em contraste com a hegemonia positivista ideológica adotada anteriormente no período de 1964-1985 em que as minorias sociais foram ofuscadas no encobrimento do outro como se a ordem e o progresso não fossem condicionados à ética do amparo e do reconhecimento da dignidade humana em dimensão equânime.

Filosoficamente, o *Mad Maria* ambienta a alteridade composta de ocidente moderno e ancestralidade indígena na construção da ferrovia Madeira-Mamoré erguida à base da força da mão de obra de afrodescendentes, estadunidenses e europeus de baixo estrato e classe sociais, em contraste com a vida exuberante do executivo Farquar da empresa multinacional *Railway* que “(...) vivia em três apartamentos conjugados do Hotel Avenida transformados em sala de

visitas, de reuniões e quarto de dormir... agradavelmente espaçosos, decorados discretamente com móveis franceses no estilo Restauração, estavam alugados o ano inteiro...” (Souza, 1985, p. 50- 51).

O moderno se diferencia na dinâmica da concepção de civilização que se expande para territórios alhures e se infiltra em culturas estrangeiras causando o processo da consciência-de-si em relações de poder instrumentadas por tecnologias, conhecimentos e poder aquisitivo. Nessa perspectiva, o sujeito só se define consciente diante do outro que lhe constrói a identidade de acordo com suas respectivas relações. E no *Mad Maria*, a empreitada estrangeira na Amazônia fomenta a infiltração da modernidade na querência tropical holística e diversificada em contraponto à hominização eurocêntrica, prática denominada pelo filósofo argentino Enrique Dussel (1993) de encobrimento do outro e criticada por Márcio Souza no *Mad Maria* em sua crítica em tom de ironia.

É nas relações que o sujeito constrói a sua consciência-de-si. Freud (1930) chama a atenção para o medo que o ser hominizado para ter da natureza, pois – na tenuidade consciente humana – o mundo natural lhe é superior e pode matá-lo a qualquer momento. No fundo, o ser humano é consciente de sua vulnerabilidade na existência axiomática. O impulso instintivo pelo poder político e econômico é uma via tangencial para escapar do tête-à-tête com o outro, que lhe é superior, hegemônico. E assim tem sido demonstrado ao longo da construção da ocidentalidade desde a sua propedêutica no século VI a. C., quando a diversidade incomodou e motivou os pré-socráticos a procurarem a arché, o fundamento da existência, o bóson de *Higgs* moderno, a partícula de deus na versão vulgar. O medo ocidental não é propriamente da morte, mas a de se encarar como ser mortal enquanto ser consciente, daí ele cria aversão à natureza porque ela é camusianamente serena, lógica, indiferente à (ir) racionalidade moderna que “destrói coisas belas”.

Collier está com sede e tem uma pontada de dor de cabeça, seu maior temor é de ficar doente no Abunã, mas ninguém sabe que ele tem medo, é um homem seco, fechado, quase sempre ríspido. Dentre as suas atribuições, ele chefia os cento e cinquenta (*sic.*) trabalhadores, quarenta alemães turbulentos, vinte espanhóis cretinos, quarenta barbadianos idiotas, trinta chineses imbecis, além de portugueses, italianos e outras nacionalidades exóticas, mais alguns poucos brasileiros, todos estúpidos. Os mais graduados, embora minoritários, são norte-americanos. Os mandachugas são norte-americanos e aquele é um projeto norte-americano. Mas Collier é cidadão inglês, um velho e obstinado engenheiro inglês. Todos os homens que se relacionam diretamente com o engenheiro são norte-americanos,

como o jovem médico, o maquinista, o foguista, os mecânicos, topógrafos, cozinheiros e enfermeiros. Collier era o responsável por todos eles, mas só quanto ao aproveitamento de cada homem no bom andamento da obra, quanto ao resto, cada um cuida de seu pescoço. O engenheiro está com sede e muito medo de ficar doente, está preocupado com o seu próprio pescoço (Souza, 1985, p. 10).

O filosófico no *Mad Maria* circunscreve-se na paradoxal racionalidade moderna que de tão avolumada se torna irracional envolvida numa espécie de irracionalidade que cega o sujeito de sua ação imprópria à ética da sua imanência hominizada. Ofuscar o indígena numa aventura na selva tropical é se condenar ao fracasso, pois é o nativo da querência que conhece o lugar, ele é construído na epistemes que relaciona as duas realidades distintas: a humana e a natural. O nativo indígena é estereotipado pelo ocidental de preguiçoso “sem história”, mas ele é o sábio que convive na natureza dela se aproveitando da brisa existencial sem os conflitos desnecessários nas relações de poder. O indígena ameniza a intrínseca vulnerabilidade humana na dimensão existencial. E não se trata de pré-lógica como a antropologia evolucionista britânica cunhou em sua propedêutica funcional contradita por Lévi-Strauss, tal como já mencionado acima neste texto. O indígena da Amazônia se inseriu no nó borromeano com a ocidentalidade sem se infiltrar ontologicamente no moderno porque a sua consciência-de-si o fez perceber as truculências praticadas pelo estrangeiro que o visitava, e continua nesta estada contínua e aparentemente sem retorno.

Os civilizados eram uma tribo difícil de entender. De cima de uma grande árvore, dissimulado por entre trepadeiras, ele observou tudo e sentiu medo. Não pelos tiros, mas pelas descargas de ódio que os brancos faziam chegar até ali. Sentiu medo também porque a luz da vida se apagava freqüentemente (sic.) entre os civilizados e eles não tinham nenhuma cerimônia para com os mortos. Era como se a cerimônia dos brancos em relação à morte fosse o próprio ato de trazer a morte, e isto era difícil de aceitar. Os civilizados eram poderosos, fabricavam coisas boas, tinham sempre comida embora não plantassem ou caçassem. Todos os dias ele era obrigado a se encolher de medo porque a onda de ódio vindo dos brancos lhe feria. Ele viu os civilizados sujos de lama levantarem-se e caminharem em silêncio. O civilizado mais velho, que parecia ser o chefe, vinha caminhando ao lado de outro e conversava. O que falavam não era difícil de entender, ele já conseguia falar algumas palavras dos civilizados, mas eles falavam muitas línguas e tinha visto que alguns não compreendiam o seu próprio chefe (Souza, 1985, p. 20).

Etnologicamente o livro *Mad Maria* é constituído de cenas de fricções interétnicas na perspectiva de Roberto Cardoso de Oliveira (1996, p. 33): “enquanto situação de contato entre duas populações dialeticamente unificadas através de interesses diametralmente opostos, ainda que interdependentes, por mais paradoxal que pareça”. Significa dizer, por conseguinte, que as adversidades entre indígenas e indústria neoliberal em torno da posse de territórios na Amazônia legal são teoricamente visíveis na perspectiva da antropologia social da pragmática vernácula como manifestação ontológica dessas duas matrizes de civilização, no sentido durkheimiano (1981) que considera a cultura como prática de união entre as pessoas do grupo e a civilização como expansão de um conjunto de culturas, tal como é a civilização indo-europeia e a civilização ProtoTupi que congrega diferentes grupos étnicos e culturais indígenas em todo o território latino americano.

Lévi-Strauss (1993, p. 34) diferencia a História da Etnologia por meio da tópica consciente. A etnologia se ocupa da produção cultural do grupo, produção essa erguida inconscientemente, enquanto a História se ocupa da produção consciente humana. Ambas compõem dualidades em processos dialéticos, é o que Marshall Sahlins (2008, p. 28) categoriza em sua estrutura da conjuntura do evento (histórico-cultural).

A etnologia amadurecida a partir de Bronislaw Malinowski (1984-1942) nos anos 1920-30 favoreceu pesquisas na década de 1960 na afinada percepção de Roberto Cardoso de Oliveira (1928-2006) que, na região do rio Solimões (AM), construiu a categoria antropológica da fricção interétnica; Guillermo Bonfil Batalla (1935-1991) no México cunhou o “controle cultural em processo interétnico” e Fredrik Barth (1928-2016) na região do Irã criou a fronteira interétnica a partir do conceito de etnia, distinta da cultura. E no *Mad Maria*, Márcio Souza oportuniza ao leitor a visão dessas três categorias antropológicas, pois os indígenas continuam protagonizando sua história na fronteira étnica com a ocidentalidade tardia, em fricções interétnicas contínuas e controlam sua ancestralidade nas fronteiras ontológicas com a modernidade (ocidental).

O seu povo era muito manso e tinha orgulho de ser melhor e mais bem organizado que os civilizados. Quando algum civilizado chegava na maloca, todos vinham recebê-lo e mostrar amizade para amansar o branco. É que os velhos diziam sempre que de todas as tribos os civilizados eram os mais bravos e perigosos porque matavam sem nenhum motivo, sem estarem fazendo guerra ou por qualquer cerimônia deles. Matavam por matar, atirando com as suas espingardas até naqueles que vinham para a beira do rio fazer sinal de alegria. Os brancos civilizados e também os civilizados de pele

mais escura eram mais ferozes do que os xavantes e os bororós, mais ferozes que os parecis. O seu povo, não. Os civilizados chamavam o seu povo de caripuna e tinham inventado a lenda de que eles eram perigosos porque usavam duas penas de arara, amarelas, atravessadas no nariz. (Souza, 1985, p. 43).

No *Mad Maria* o *habitus* de Pierre Bourdieu (1992, p. 101) se substancializa no tecido costurado nos atritos violentos e miseráveis que vitimam seus próprios protagonistas que alimentavam o glamour da belle époque no Rio de Janeiro, Manaus e Belém do Pará numa demonstração do alerta astucioso dito por Márcio Souza citado acima a respeito do gerúndio contínuo do capitalismo. Ou seja, enquanto território invadido pela cobiça moderna, a Amazônia deixa de ser ontologia, ser vivo, e passa a ser considerada mera coisa no perfil da dominação do outro à guisa hegeliana remoldada pelo canadense Charles Taylor (2000) entorno da alteridade dos ontologicamente diferentes manifestados na prática social por meio da cultura (inconsciente) e da história social (consciente).

História e cultura são duais à guisa de Sahlins (2008), e os indígenas na Amazônia se viram pressionados a aderirem ao molde moderno, porém, sem se transformarem em seres hominizados modernos no fenômeno de transculturação que acontece “quando o grupo adquire novos códigos culturais, mas não abandona seus códigos culturais maternos” (Todorov, 1999). Esse é o âmago da questão: os indígenas convivem com a ocidentalidade se mantendo em sua ancestralidade, movidos por sua imanência ontológica, daí os conflitos entre neoliberalismo e ancestralidade indígena que fomentam o dinamismo fundiário na Amazônia legal.

3 A contemporaneidade do romance *Mad Maria* no século XXI

A colonização da Amazônia começou no século XVII para suprir a necessidades econômicas da Coroa portuguesa à época circunscrita no extrativismo vegetal com conflitos entre nativos indígenas e ocidentais modernos, a exemplo da Cabanagem (1835-1840) numa demonstração de que a infiltração da ocidentalidade nesta região é marcada por conflitos étnicos possivelmente decorrentes das diferenças ontológicas entre essas duas maneiras de ser.

A partir da década de 1970, a geopolítica mundial sob a guerra fria e a expansão das duas ideologias hegemônicas em busca de Estados aliados, fez com que o regime político da época no Brasil implantasse a política de ocupação humana da Amazônia como uma das estratégias de protegê-la de invasões estrangeiras sob o lema “Integrar para não entregar” numa orientação unilateral. Na prática, se tratou de incentivos para migrações à região amazônica de pessoas oriundas de outras regiões do país.

Vale lembrar que o vale amazônico oeste já tinha sido destino de nordestinos no início daquele século em razões correlacionadas: a grande seca no ano de 1910 e a demanda por mão de obra para a extração do látex no contexto do boom industrial automobilístico e afins. É nesse entourage que Márcio Souza situa cronologicamente o seu romance, verão do ano de 1911, tempos da *Belle Époque* tropical: glamour e influência francesa no estilo de vida, arquitetura e política advinda do Iluminismo do século XVIII na brisa de Montesquieu:

Durante o almoço Farquhar tinha confessado a sua preocupação pelo rumo das coisas no Brasil, temia um golpe militar e que a nação mergulhasse nas águas turvas das revoluções e pronunciamentos militares tão comuns em outros países do continente ao sul do Rio Grande. A instabilidade política seria um veneno fatal para os seus interesses e Farquhar olhava com apreensão as turbulências que irrompiam naqueles primeiros meses de governo. Ruy Barbosa estava desanimado e já não era um republicano muito fanático. Farquhar estava nos Estados Unidos quando dois encouraçados da Marinha de Guerra foram tomados por marinheiros amotinados e ameaçaram bombardear o Rio de Janeiro. O estado de sítio fora decretado e o problema recebera encaminhamento de maneira intempestiva porque a revolta não era exatamente política, os marinheiros queriam receber melhor tratamento e a abolição do uso dos açoites que ainda marcavam a sua presença nos barcos brasileiros, como no século XVIII (Souza, 1985, p. 33).

A dualidade constituída de interesses econômicos e força política é uma constante da trivialidade moderna tardia, tal como Márcio Souza pontua com a astúcia da ironia socrática análoga à maiêutica do mestre de Platão que traz à luz a obviedade do neoliberalismo numa continuidade imprescindível ao pulsar do ocidente como sujeito de consciência-de-si que se constrói em contraste com os demais com quem compartilha os mesmos espaços físicos neste planeta em forma de sociedades humanas em desavença com a *physis*, em seu sentido etimológico. O ocidente moderno precisa (nos dois sentidos: de necessidade e de exatidão) do conflito com o outro para se esquivar de si mesmo.

Assim, a contemporaneidade do *Mad* Maria ecoa como demonstração do gerúndio neoliberal como expressão da ocidentalidade como ontologia que se infiltra na imanência dos outros, porém, no caso dos indígenas no Brasil, por incrível que pareça, aqueles seres que “queriam apito” nos anos 1920 atualmente são sujeito de direito adquirido e, embora politicamente enfraquecidos, protagonizam a alteridade com o a indústria neoliberal na Amazônia legal e influenciam o desenho da política fundiária nesta região, “o discurso político indígena se funda no enraizamento simbólico da etnificação (território, cultura e meio ambiente) numa reelaboração cosmológica dos fatos e efeitos dos contatos” (ALBERT, 2000).

Assim, considera-se que a contemporaneidade dos fatos trazidos no roteiro do livro *Mad* Maria compõe uma afinidade dos que acontecem no presente do século XXI, ou seja, a atemporalidade ontológica da imanência dos respectivos modelos de ser social e político se estende ao longo da convenção histórica ocidental porque atitude e prática neoliberal é uma manifestação ontológica advinda do berço indo-ocidental tratada por Louis Dummont (2000) como individualismo em prática ideológica própria da essência moderna que se contrapõe à ancestralidade indígena atemporal avessa à formalidade e à coerção estatal e seus derivados sociopolíticos.

Considerações Finais

A conclusão a que se chegou foi a de que a incompatibilidade de convivência numa pretendida urbanidade composta de indígenas e ocidentais modernos provém da estrutura ontológica paradoxal entre eles, pois enquanto a modernidade acelerou a extração do ser humano da natureza, o contato dos indígenas com a modernidade os incentivou a uma espécie de transculturação adensando sua estrutura ontológica nativa em processo de “controle cultural” porque elas emprestam tecnologias e serviços modernos ocidentais, inserem-se formalmente na sociedade burocrática brasileira, porém, se mantém em suas respectivas diferenças étnicas e culturais fortalecendo as fronteiras e a diferenças, pois vale lembrar que, ao logo da década de 1970, indígenas na região do Médio e Alto rio Solimões adotaram o caboclisto como instrumento de negação da sua origem étnica para amenizar a violência simbólica e física a eles deferidas em decorrência do preconceito racial de marca e de origem fomentada pela ideologia positivista da atomização do nativo como inimigo do desenvolvimento e do progresso da nação.

A ontologia indígena é holística, atemporal; paradoxal à mentalidade moderna retilínea, histórica e fragmentada num viés monoteísta que atomiza a hominização pluralizada e que se pretenda inovadora, porém, quando vista de perto na óptica do romance histórico percebe-se que o que se vê como diferente não passa do mesmo em outras roupagens. É essa a dinâmica da literatura que, filosoficamente, opera uma convergência entre o ser holístico de Parmênides com a intensa dialética ontológica de Heráclito de Éfeso. Os Pré-Socráticos são presentes nesta contemporaneidade tanto na perspectiva filosófica como na científica na denominação do Bosón de *Higgs*, a partícula de deus.

Mad Maria cumpre a sua função intelectual de criticar e de permanecer pertinente na História regional amazônica em reverberação no debate internacional filosófico a respeito da ocidentalidade hegemônica no planeta que nestes dias experimenta a necessidade de agir em inflexões em sua própria maneira de ser brotada em sua relação com a natureza. Ou seja, a existência humana moderna ocidental depende da reflexão e de atitudes da ocidentalidade com relação a si mesma e sua respectiva concepção de humanidade dentro do cosmos em seu sentido etimológico de equilíbrio com a gaia, a terra, a *physis*, a querência onde germinamos, brotamos, vivemos, perecemos e nos mantemos em memória estruturante às gerações vindouras.

Referências

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

BATALLA, Guillermo Bonfil. **El control cultural en la teoria de procesos étnicos**. Anuário Antropológico, nº 86, Brasília, 1988, p. 13-53.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **O novo romance histórico brasileiro**. Via Atlântica, v. 4, 2000, p. 167-177.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu avec Löic Wacquant, réponses**. Paris: Seuil, 1992.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O índio e o mundo dos brancos: uma interpretação sociológica da situação dos Tukúna**. Campinas (SP): UNICAMP, 1996.

DUMONT, Louis. **O individualismo**: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURKHEIM, Émile; MAUSS, Marcel. Nota Sobre a Noção de Civilização. *In*: MAUSS, Marcel. **Ensaio de sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981. p. 469 – 493.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do outro**: a origem do mito da modernidade. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. Volume Único. Petrópolis (RJ): Vozes; Bragança Paulista (SP): Universidade São Francisco, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude; JAKOBSON, Roman. **Seis lições sobre o som e o sentido**. Lisboa: Moraes Editores, 1977 [1976], p. 7–17.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Trad. Mariano Ferreira. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1982 [1949].

LÉVI-STRAUSS, Claude. Structuralism and Ecology. *In*: **Le regard éloigné**: Paris: Plon, [1972] 1983, p. 143-166.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

SAHLINS, Marshall. **Metáforas históricas e realidades míticas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

TAYLOR, Charles. **Argumentos Filosóficos**. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado**. Trad. Christina Cabo. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1999.